

VIA-SACRA (última parte)

Waldir de Pinho Veloso (*)

A encenação da Paixão de Cristo, pelos jovens da Igreja São Norberto, durante as celebrações da Semana Santa, marcou a muitos. Não se ouviu outro comentário por parte de quem esteve presente. E o lamento de quem não pôde estar presente vem acompanhado de promessas de que não estará presente no próximo ano.

Na Missa das 19h do Domingo de Páscoa, ao término da encenação da Ressurreição de Jesus Cristo, o Padre João Batista Lopes deixou no presbitério (poderei falar, mais simplesmente, “palco” da Igreja) todas as pessoas que fizeram os papéis dos Apóstolos, dos anjos, os demais que encenaram a Ressurreição (Cristo, Maria Santíssima, Maria Madalena e as “mulheres”). E ainda chamou ao presbitério as coordenadoras da encenação, Angelina, Dária e Juçara. E as abraçou, pedindo à assembleia que as aplaudisse.

E as palmas ainda moram nos ouvidos e corações daquelas pessoas que estavam em local de destaque.

Muitos dos que estavam presentes às Missas das 9h e das 19h do Domingo de Páscoa na Igreja São Norberto, em seus termos, fizeram questão de cumprimentar Angelina, Dária e Juçara e aos atores. Outros, não se contendo de tanta emoção, mais do que abraçar aos participantes, anunciavam algo como “eu sou o avô de ‘Jesus Cristo’”, “meu filho foi um dos soldados”, “minha neta foi a mulher que mais chorou”, “Você foi uma Maria Santíssima perfeita”. E muitas outras palavras.

Uma narrativa impressionou. A Catequista Angelina, na semana que sucedeu às encenações e a Via-Sacra, acompanhou um familiar a uma consulta médica. Ao serem atendidos pelo médico, este a reconheceu como uma das Coordenadoras do movimento. E disse que, quando das cenas da Primeira Estação, estava deixando as atividades laborais, no Hospital Universitário. E começou assistir à encenação da Primeira Estação até mesmo porque era na porta de (para ele) saída do Hospital. Gostou tanto da atuação dos atores que decidiu acompanhar a procissão até a Segunda Estação. Quando viu o que acontecia nesta, praticamente se esqueceu da vida e acompanhou a Via-Sacra até a última Estação, na porta da Igreja São Norberto. E mais: fez questão de levar a mulher e os filhos à Missa em que seria feita a encenação da Ressurreição, no Domingo de Páscoa.

A sogra de Juçara estava em um ambiente público. E ouvia comentários exageradamente elogiosos a todos os que participaram, ativamente, da encenação. Depois de tanta gente se sentindo orgulhosa somente de ter presenciado o evento, ela não se conteve. Deixou o silêncio e explicou, de cabeça erguida: o rapaz que interpretou Jesus Cristo é Pablo, meu neto.

Outra narrativa impressionante aconteceu em relação à Catequista Angelina. Antes, a explicação e lembrança de que a encenação da Paixão de Cristo terminou com a crucificação, a retirada do corpo de Cristo da cruz e o transporte do corpo para o sepulcro. Este, dentro da Igreja São Norberto. Na porta fechada do sepulcro, ficaram onze “soldados” fazendo a guarda e vigília, como que impedindo que alguém se aproximasse.

À noite, a Catequista Angelina recebeu um telefonema. A pessoa não se identificou. Mas, pediu à Catequista que lhe ouvisse. E fez a súplica mais ou menos assim:

– Vocês não podem deixar Jesus Cristo lá no sepulcro de hoje até domingo. Aquele rapaz está muito machucado. Ele não vai aguentar passar todo este tempo lá. E ainda tem aqueles guardas lá, que não o deixam fugir...

De fato, as cenas foram tão convincentes que muitas pessoas não conseguiram separar o real do imaginário, a representação da vida real. Ou a vida virou um palco ou a arte ultrapassou seus limites, transmudando-se para o real.

(*) Advogado, Professor Universitário e Escritor. Membro da Academia Montes-Clarensense de Letras. Mestre em Linguística.